

# EM MEIO A LÁPIS, MÃOS, PAREDE E CORPOS: UM PERCURSO CLÍNICO

Leiliane Fortes Pedrosa

Faculdade Angel Vianna (FAV)

[leilianefortesp@gmail.com](mailto:leilianefortesp@gmail.com)

## Resumo

Este artigo busca narrar dois encontros clínicos ocorridos em dois estabelecimentos diferentes em tempos diferentes, contudo em um mesmo contexto, ou seja, o da Saúde Mental. O objetivo é chamar a atenção para a dimensão afetiva e corpórea presentes na clínica, a partir de narrativas de “experiências limite” vividas neste encontros e seus desdobramentos, e da articulação disto com conceitos como “Corpo sem Órgãos” e “Ambiente Facilitador”.

Este artigo trata-se de um resumo do trabalho de conclusão da Pós – Graduação Terapia Através do Movimento. A partida afetiva desta escrita se deu em meio ao processo de saída de um de meus trabalhos (um hospital psiquiátrico de “longa permanência”, voltado ao cuidado de senhoras idosas marcadas existencialmente por longos anos de práticas manicomiais) e a entrada (ora de cabeça, ora nas pontinhas dos pés, ora de cotovelo, ora de quadril) no “mundo do movimento”. Em meio a estes dois espaços, movia-me lentamente, rapidamente, pausadamente... Entrando, saindo, deslizando, atritando, entregando-me.

A partir do relato de dois encontros clínicos, vividos em estabelecimentos voltados à Saúde Mental, busco chamar a atenção para a dimensão afetiva e corpórea presentes na clínica. São narrativas de experiências limite onde os dispositivos cotidianamente usados caducaram abruptamente e levaram a criação de outros modos de assegurar o encontro.

### **Primeiro encontro: Mão que ouve**

Como de costume, distribuo sobre a mesa os materiais necessários para a composição de colagens. Ele entra, senta ao meu lado e fala de modo desconectado, ininterrupto, ansioso e tão baixo que mal posso ouvi-lo. Proponho-lhe os materiais, mas ele não aceita.

Busco ouvi-lo sem interrompê-lo (também não sei se conseguiria). Tento pensar sobre o que diz, contudo seu discurso traz uma profusão de imagens e afetos que não ousou refletir sobre. O processo de selecionar imagens, cortá-las, retirá-las de seu lugar de origem e depois colá-las em um outro fundo,

tornou-se complexo. Só pude pegar um giz de cera, o lápis que as crianças pequenas usam, daqueles bem fortes, que não quebram com facilidade.

Deixo de lado a tesoura e a revista e começo a desenhar. Faço um círculo amarelo que aos poucos, embalado pelo o que ouço, vai se tornando uma espiral que eu nomeio de sol. Entre um traço e outro, procuro corresponder ao seu olhar que me olha, mas parece não me ver.

Aos poucos retomo o processo de colagem, recorto alguns peixes e ele para de falar e observa. Olha e parece ver o que faço. Quando eu ia colar o primeiro peixe ele intercede: “Você tá louca? Vai fritar o peixe! Ele vai morrer aí!”, rio e lhe asseguro de que eles não vão morrer. A pausa advinda do estranhamento se estende. Enquanto colo os peixes ele me chama de louca. Talvez o “ato insano” tenha disparado o pequeno silêncio que pudemos partilhar por alguns minutos.

Enquanto desenhava experienciava uma espécie de vertigem. Queria e podia estar ali, mas me esqueci como (ou nunca soubera). Ao ouvi-lo não pude pensar sobre o que ouvia, não como costumo pensar. Me apropriei do que tinha: o lápis e a possibilidade de usá-lo. Ouço com o movimento frenético de minha mão rabiscando um círculo e me perdendo em sucessivos desvios de sentido.

Aqui, neste encontro clínico, o pensamento reflexivo vacilou. E aí o uso do lápis, no instante do tremor, não fora o uso reflexivo de um lápis, mas sim um gesto não intencional que em seu próprio atuar fora possibilitando criar outros modos de organização e de sentido.

Esta experiência se aproxima do conceito/experimentação “Corpo sem Órgãos” criado por Deleuze e Guattari, inspirado por Artaud (Deleuze e Guattari, 2007:03). De acordo com os dois autores o corpo sem órgãos é a própria vida desfazendo-se do que a aprisiona, é onde a experiência de corpo surge, onde o corpo se constrói e se desfaz. Abrir-se para esta experimentação abre espaço para a construção de caminhos próprios, singulares para lidar com isto mesmo (Costa,1996:97).

“De todo modo você tem um (ou vários), não porque ele pré-exista ou seja dado inteiramente feito – se bem que sob certos aspectos ele pré-exista – mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo – e ele espera por você, é um exercício uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou. Não é tranquilizador porque você pode falhar. Ou as vezes pode ser aterrorizante, conduzi-lo a morte. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma pratica, um conjunto de práticas”. (Deleuze e Guattari, 2007:09)

Aqui está em jogo a invenção de si, a criação de um corpo sensível aos afetos em constante organização e desorganização no encontro com um outro. Artaud, em seu texto radiofônico que inspira Deleuze e Guattari, fala da possibilidade de “comer pelo cu e cagar pela boca”(Deleuze e Guattari, 2007). Ao incitar como possível o impossível para o corpo e equivococar um certo modo de funcionamento dos corpos ele faz vacilar, em nós, modos de operarmos no mundo.

Neste encontro clínico, o possível foi orientado pelo movimento do corpo, o desenhar frenético. Os recursos forjados possibilitaram o encontro enquanto este se fazia.

### **Encontro Dois: Corpo parede.**

Era uma sexta-feira chuvosa. Agressivamente angustiada, “Veneranda” em muito se distanciava daquela mulher que no mês passado pediu para ser maquiada “ igual a uma corista de cabaré”. A sua agitação era ouvida e vista por todo o hospital psiquiátrico, espaço questionado tantas vezes por ela: “Trata-se de um hotel, de um hospital ou de uma prisão?”. Veneranda, Hóspede, Paciente e Prisioneira batia violentamente a cabeça contra as paredes. Seu jeito faceiro e seu sarcasmo estavam ausentes na presença de uma dor que contagiava a todos.

A equipe do dia desde cedo avaliava quais as reais condições para acolhe-la. Valeria a pena interná-la em outro hospital psiquiátrico voltado para o atendimento à crise? Seria bom que ela saísse de seu lugar? Ali suas demandas intermináveis eram ouvidas, muitas vezes aos berros e exaustivamente negociadas com a equipe. Como acompanhá-la de modo intensivo mesmo tendo em torno de 40 senhoras idosas para cuidar? Sem respostas, ficou decidido acompanhá-la até o fim do dia quando uma nova avaliação seria realizada.

Veneranda era acompanhada e continuava a bater violentamente sua cabeça contra a parede. Em um certo instante coloquei minha mão entre sua cabeça e a parede (talvez como um modo de amortecer o impacto). Ela batia

contra minha mão, me olhava, gritava, batia novamente contra a parede e lá estava minha mão. De um modo pouco reflexivo, fui me tornando parede e como numa dança, acompanhava o ritmo de suas batidas com/no meu corpo.

Veneranda diminuiu a força, o ritmo e deslizou parecendo estar exausta. No lugar da parede, um corpo, uma outra consistência, textura, temperatura. Aos poucos sua cabeça foi escorregando até chegar em meus ombros onde ficou por uma eternidade que durou menos de um minuto. Veneranda parecia se entregar e quase dormir. Mas, subitamente ela olhou para mim e disse: “não posso ir embora!” e saiu a caminhar cambaleante.

Quando parto para ser parede me arrisco, não sei anteriormente o que vai acontecer, apenas fico lá presente, fazendo uso do corpo, um corpo mais flexível que a parede e mais denso que as palavras, um corpo continente para a força que volta-se contra Veneranda. A agressão a qual se submete é um uso de seu corpo, talvez uma tentativa de passagem para aqueles afetos que a bolinam, uma busca incansável que assegure “o não poder ir embora”. Há uma força em busca de expansão e criação e que necessita de um ambiente que se adapte a isto e não o contrário.

O ambiente facilitador concebido por Winnicott em sua teoria da subjetividade fala de uma relação construída em meio aos cuidados iniciais da mãe voltados para seu bebê. Uma relação de acolhimento possível graças a uma capacidade da mãe para sintonizar-se com seu filho (Lins, 1998).

Esta capacidade materna para atender criativamente as demandas do filho a partir da sintonia corporal com este, é possível porque a mãe experiencia a não integração. Assim:

“Winnicott, seguindo os passos inaugurais de Ferenczi, nos conduz a uma reflexão sobre a figura materna em que, numa perspectiva espaço-temporal, poderá ajudar o desenvolvimento de seu bebê, através do dispositivo da psicose, como condição para realizar o que denomina preocupação materna primária. Esta tarefa se realizaria por um aumento da sensibilidade, gradualmente perdido à medida que a criança se desenvolve. Este aumento teria a função de acompanhar o bebê nas suas necessidades básicas, em seu ritmo.” ( Borges, 2011:2)

Na clínica com o dito louco há um convite a experimentação destes estados. As demandas de tão diretas e intensas não nos são claras e para atendê-las somos convocados a acessar/criar outros saberes. Contudo como bem chama atenção Deleuze e Guattari é necessário doses de prudência:

“Não se faz a coisa com pancadas de martelo, mas com uma lima muito fina. Desfazer o organismo nunca foi matar-se (...). É necessário guardar o suficiente de organismo para que ele se recomponha a cada aurora” (Deleuze e Guattari. 2007:23).

É preciso ter um corpo para que ele possa vir a ser outro. E como criar um corpo que sustente não ser apenas corpo organizado e que se desfigure sem se esvaziar? Um difícil manejo, mas necessário, sobretudo na lida clínica onde se impõe a sustentação de um campo que não seja excessivamente opositor e nem por demais flexível no encontro com a alteridade.

## Bibliografia

BORGES, H. Pensar Corpo - Pensar Fronteira: a possessão não eu. In: III jornada do Espaço Brasileiro de Psicanálise, 2004, Rio de Janeiro. Anais da III Jornada do Espaço Brasileiro de Psicanálise, 2004.

\_\_\_\_\_, Management: Contribuições para o fazer clínico. 2011. In: [http://www.espacopotencial.com.ar/elbarrio/noveno\\_ano/heliaborges.html](http://www.espacopotencial.com.ar/elbarrio/noveno_ano/heliaborges.html).

COSTA, M. O corpo sem órgãos e o sentido como acontecimento. In Corpo e Sentido. Ed. UNESP. São Paulo, 1996.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Ed: 34. São Paulo, 2007.

LINS, M. A. & LUZ, R. D.W. Winnicott: Experiência Clínica e Experiência Estética. Ed: Revinter. Rio de Janeiro, 1998.